PÁSCOA, LIBERDADE OU HOSTILIDADE?
Easter, freedom or hostility?

Teresa Cristina dos Santos Akil de Oliveira[1]
Leonardo dos Santos Silveira[2]
Elildes Junio Macharete Fonseca[3]

RESUMO: O antigo Israel era um povo que valorizava seus festivais, usados para preservar eventos e momentos históricos, ensinamentos espirituais e pertença comunitária. A festa da Páscoa, em especial, foi de suma importância, sendo uma das celebrações mais antigas e significativas do calendário religioso israelita. Além de marcar a libertação dos antepassados hebreus da escravidão no Egito, a Páscoa representa a redenção e a renovação espiritual do povo judeu, sendo uma ocasião para reflexão sobre a liberdade, a responsabilidade, a justiça, sobre os princípios éticos e morais que fundamentam a tradição judaica. Este artigo se deterá na análise da etimologia da palavra "páscoa", depois discorrerá sobre as cinco passagens que narram a celebração da Páscoa (Êxodo 12.1-23; Números 9.1-14; Josué 5.10-12; 2 Reis 23.21-23 e Esdras 6.19-22), apontará os elementos semelhantes entre essas passagens e, por fim, trará alguns apontamentos da páscoa na tradição cristã.

Palavra-chave: Festa; Páscoa; Liberdade; Hostilidade; Violência.

ABSTRACT: Ancient Israel was a people who valued their festivals, used to preserve historical events and moments, spiritual teachings and community belonging. The Easter festival, in particular, was of paramount importance, being one of the oldest and most significant celebrations in the Israeli religious calendar. In addition to marking the liberation of Hebrew ancestors from

[1] Pós-Doutora em Teologia (PUC-Rio), Doutora em Teologia (PUC-Rio), Mestre em Teologia (STBSB), Bacharel em Teologia (Fabapar) e em Comunicação Social (Estácio). Professora da Faculdade Batista do Rio de Janeiro (FABAT) e da Faculdade Vitória em Cristo (FVC). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3997690161542105>. E-mail: teresa.akil@seminariodosul.com.br ORCID iD: 0009-0003-3111-5249

[2] Doutor e Mestre em Teologia (PUC-Rio). Doutorando em Letras Clássicas (UFRJ). Especialista em Teologia Bíblica (FSB-RJ), Bacharel em Teologia (FAECAD) e em Letras-Grego (UFF). Professor da Faculdade Batista do Rio de Janeiro (FABAT). E-mail: prof.leosansil@gmail.com. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0189603895335569>. ORCID: https://orcid.org/0009-0003-3111-5249

[3] Elildes Junio Macharete Fonseca é Doutor em Teologia pela PUC-Rio e professor na Faculdade Batista do Rio de Janeiro.

slavery in Egypt, Easter represents the redemption and spiritual renewal of the Jewish people, being an occasion for reflection on freedom, responsibility, justice, and the ethical and moral principles that underlie the Jewish tradition. This article will focus on analyzing the etymology of the word "Easter", then discuss the five passages that narrate the celebration of Easter (Exodus 12.1-23; Numbers 9.1-14; Joshua 5.10-12; 2 Kings 23.21-23 and Ezra 6.19 -22) will point out the similar elements between these passages and, finally, will bring some notes about Easter in the Christian tradition.

Keyword: Party; Easter; Freedom; Hostility; Violence.

INTRODUÇÃO

Atualmente, as festas desempenham um papel fundamental na prática religiosa e na preservação da identidade cultural judaica. Cada festividade possui um significado histórico, espiritual e comunitário único, que ajuda a fortalecer e reafirmar os laços sociais entre seus membros, transmitir e recuperar lembranças e vivências de determinado acontecimento de geração em geração.

Como exemplo temos duas festas anuais importantíssimas. A primeira é a Páscoa (*Pessach*), que celebra a libertação do povo judeu da escravidão no Egito, e, a segunda, o Dia do Perdão (*Yom Kippur*), o dia mais sagrado e solene do ano no calendário judaico. Estas festas oferecem oportunidades para reflexão, celebração e renovação espiritual, reforçando os valores e a coesão social.

Na Bíblia Hebraica[4], as festividades religiosas também tinham a função de resgatar e preservar as memórias de eventos importantes para o povo de Israel. Como exemplo desse desejo de preservação temos festas importantes como Purim, que comemora o dia em que os judeus salvaram-se de um massacre elaborado pelo rei persa Assuero, e das Cabanas, que relembra os anos de peregrinação pelo deserto.

Entre todas as festas apresentadas na Bíblia Hebraica, uma tem um significado especial para a tradição judaica-cristã: a Páscoa, onde judeus comemoram a libertação da escravidão do povo judeu no Egito e os cristãos, a morte e ressurreição de Jesus. A Páscoa é celebrada apenas sete vezes nas narrativas hebraicas. Mesmo que a Páscoa não seja mencionada frequentemente, ela é celebrada nos momentos-chave da história da salvação de Israel. A festa, por exemplo, é celebrada no Egito antes do êxodo (Êx 12), no Sinai (Nm 9.4-6), e antes da entrada de Israel em Canaã (Js 5.10-12). Durante os tempos da monar-

[4] Neste artigo usaremos essa nomenclatura também para nos referirmos ao Antigo Testamento (AT) protestante.

quia unida, a Páscoa é mencionada no contexto do reinado de Salomão (1Rs 9.25; 2Cr 8.12-13), após o qual a Páscoa é celebrada apenas mais três vezes: durante os reinados de Ezequias e Josias, concluindo com a observação final em Esdras 6.19-22.

Diante dessa importância, este artigo tem por tema a festa da Páscoa e por objetivo central investigar as suas celebrações durante o tempo do antigo Israel. Tendo por base fontes estritamente bibliográficas, esse texto foi construído de quatro partes: 1. A etimologia da palavra "páscoa"; 2. As celebrações da páscoa na Bíblia Hebraica 3. As semelhanças entre as passagens de celebração da Páscoa; 4. Apontamentos sobre a Páscoa na tradição cristã. Nosso artigo espera contribuir para esclarecer o que, efetivamente, era a festa da Páscoa.

1. A ETIMOLOGIA DA PALAVRA "PÁSCOA"

O substantivo hebraico páscoa é *pesach* (תֶּסַח) e vem da raiz verbal *pasach* (תָּסַח) e significa, segundo Brown (1906, p. 620), Botterweck (1974, p. 4), Honeycurr (1987, p. 443) e Holladay (2010, p. 418), "passar (por cima), coxear, mancar" e seu cognato acádio *pasahu*, "abrandar (a ira dos deuses)". Harris (1988, p. 1224) amplia o significado hebraico de "mancar e coxear" apontando a Páscoa como uma dança religiosa especial e o cognato acadiano como "aplacar ou abrandar" (uma divindade) com um ritual.

Klein (1987, p. 515) observa que, além desses significados habituais, a palavra possivelmente também está ligada ao árabe *jasaha*, "ele se deslocou, desarticulado". Alonso Schökel (2004, p. 542-543), concorda com os estudiosos que apontam a palavra *pesach* como "passar junto a, passar sem deter-se, atravessar" e destaca que o vocábulo está ligado a designação a última do sacrifício e o banquete pascal. VanGemeren (2011, p. 640) que resume bem o que foi apurado ao afirmar que "a etimologia da raiz é muito polêmica e alguns tenuíssimos laços têm sido estabelecidos com o acádio 'pasâhu', 'apaziguar', e o árabe 'phasaha', 'ser/tomar-se amplo'".

Saindo do campo etimológico e indo para o das interpretações sobre a palavra *pesach*, Botterweck (1974, p. 7) diz que a palavra pode ser compreendida como:

> um rito de passagem, um festival lunar, um ritual apotropaico ou como um ritual de inspeção, (....) como uma dança ritual, (...) uma dança lunar, um rito de fertilidade derivado dos saltos de fertilidade da cabra (...) como referência ao salto selvagem, ao salto dos demônios e ao ritual apotropaico através do qual se tentou se proteger deles.

Corroborando com a afirmação acima, Santos (2010, p. 172-273) diz que a festa da Páscoa entre os pastores nômades visava garantir a fecundidade do rebanho na primavera e aplacar os males, as dificuldades e os perigos na caminhada provocada pelos demônios do deserto. Nesta perspectiva, defende que no sacrifício de um cordeiro e no sangue do animal passado na porta das tendas afastava os demônios. Em relação ao demônio, alguns tem se perguntado quem seria esse demônio ou esse destruidor. Para Radmacher (2009, p. 147), se o aniquilamento dos primogênitos do Egito seria feito pelo Senhor (v. 12,13), então o próprio Deus ou a um agente Seu seria o destruidor que atingiria as casas dos egípcios.

Honeycurr (1987, p. 440) concorda que as festas tinham origens distintas ao afirmar que

> foram inseridas, no contexto do relato da décima praga, as instruções referentes à Páscoa (12:1-13, 21-28, 43-50), os pães asmos (12:14-20; 13:3-10), e à dedicação dos primogênitos (13:1,2, 11-16) (...) A Páscoa, os pães asmos e a dedicação dos primogênitos, cada uma dessas observâncias em sua forma característica, celebravam o êxodo.

O autor declara ainda que

> a celebração da Páscoa, que era, nos tempos pré-israelitas, uma festa pastoral antiga, que tinha sido adaptada e interpretada em Israel para servir de recordação da saída do Egito (Êx. 12). Essa festa foi ligada a uma abstinência de pão levedado e à preparação e alimentação de pães ázimos (HONEYCURR, 1987, p. 82).

Opiniões semelhantes podem ser encontradas em outros pesquisadores (COLE, 1981, p. 75 e 105; HESS, 2006, p. 111-112). De Vaux (apud DI SANTE, 2004, p. 217), faz uma síntese das pesquisas sobre a Páscoa em seu estudo sobre as festas antigas de Israel:

> A Páscoa era provavelmente uma festa pré-israelita. A dos Ázimos talvez fosse de origem canaanita, mas tornou-se israelita. Ambas eram celebradas na Primavera. Em uma certa primavera deu-se uma esplêndida intervenção de Deus, a libertação do Egito, a qual marcou o início da história de Israel como povo, e povo eleito de Deus, e se concluiu com sua instalação na terra Prometida. As festas da Páscoa e dos Ázimos serviram de comemoração deste acontecimento dominante de salvação. Este significado uniu-se muito rapidamente às duas festas, a cada uma de modo independente, segundo as mais antigas tradições, mas este valor comum tornava quase inevitável no futuro a união de ambas.

Com todas essas informações em mente vamos, agora, mapear e compreender as celebrações da Páscoa na Bíblia Hebraica.

2. AS CELEBRAÇÕES DA PÁSCOA NA BÍBLIA HEBRAICA

Ao investigarmos a Páscoa na Bíblia Hebraica encontramos passagens nas três partes do cânon: Na *Torah*, em Ex 12.1-20 e Nm 9.1-14; no *Navi'im*, em Js 5.10-12 e 2 Rs 23.21-23 e no *Ketubim* em Ed 6.19-22, 2 Cr 30.1-27 e 2 Cr 35.1-19.

Nessas passagens, como bem observa Harris (1988, p. 1223), os textos abordam o contexto histórico da Páscoa (Êx 12), detalham os procedimentos para a observância da festa (Êx 12.1-20; Nm 28.16-25; Lv 23.5-8; Dt16.1-8) e narram a sua celebração em particular (Ex 12.21-28; Nm 9.1-14; Js 5.10-12; 2 Rs 23.21-23; Ed 6.19-22; 2 Cr 30.1-27; 2 Cr 35.1-19).

Para esse artigo analisaremos cinco passagens que narram a celebração da Páscoa em Êxodo 12.1-23; Números 9.1-14; Josué 5.10-12; 2 Reis 23.21-23 e Esdras 6.19-22. A última passagem, Ed 9.19-22, tem pontos de contato com as Páscoas celebradas nos tempos de Ezequias (2 Cr 30.13-27) e Josias (2 Cr 35.1-19).

A Páscoa do Egito, no Livro De Êxodo: De acordo com Cole (1981, p. 17), a instituição da Páscoa, a maior e mais característica das festas de Israel, na narrativa de Êxodo pode ser vista como a explicação da origem daquela festa, recitada ou lida em voz alta durante sua celebração. O livro de Êxodo começa narrando que os descendentes de Jacó (Israel) se tornaram uma grande nação no Egito, foram escravizados pelo faraó e tiveram seus bebês do sexo masculino ameaçados (Ex 1). Foi nesse cenário difícil que Moisés nasceu e foi adotado pela filha do faraó, após ser resgatado de um cesto no rio Nilo (Ex 2.1-10).

Adulto Moisés matou um egípcio que estava maltratando um israelita e fugiu para Midiã, onde se casou com a filha de um sacerdote (Ex 2.11-25). Ao pastorear o gado do sogro, Moisés recebeu um chamado especial de Deus para liderar os israelitas à liberdade (Ex 3).

Retornando ao Egito, Moisés e seu irmão Arão foram até o faraó pedir permissão para levar o povo ao deserto para adorarem a Deus, mas não tiveram sucesso (Ex 4.18-31). Diante das recusas do faraó, Deus enviou uma série de nove pragas sobre o Egito para convencer o faraó a liberar os israelitas (águas transformadas em sangue, rãs, piolhos, moscas, doença no gado, úlceras, chuva de pedras, gafanhotos e escuridão, Ex 7-11).

Foi nesse cenário de hostilidade, onde Deus demostrava seu poder contra o Egito e seus os deuses, que Moisés foi instruído sobre a celebração da Páscoa

como uma festa para marcar a libertação dos israelitas. Eles sacrificaram um cordeiro sem defeito e marcam as portas com seu sangue para proteção conta a décima praga (12.1-23) e comeram pães ázimos (12.15-20). Após essas cerimônias, os primogênitos dos egípcios são mortos (12.29-30) e o faraó permitiu que os israelitas saíssem do Egito, dando início à sua jornada para a Terra Prometida (Ex 12.37-50).

Para Bruce (2008, p. 225) e Santos (2010, p. 172-273), a Páscoa era uma celebração familiar e pastoril que foi revestida de um significado completamente novo à luz do êxodo, pois foi seguida imediatamente por uma festa de origem sedentária, a dos pães sem fermento ou ázimos. Essa soma das duas festas fez com que elas fossem tratadas como uma em Dt 16.1-8.

Cole (1981, p. 99, 102 e 223) acrescenta que a Páscoa, a única festa religiosa noturna conhecida em Israel, era uma refeição familiar cerimonial ou uma comemoração doméstica e familiar, o que demonstra sua origem antiga, quando não havia templo, nem tenda da congregação, nem altar nem sacerdote.

Portanto, a celebração a Páscoa em Êxodo pode ser compreendida como um rito de passagem (da terra do Egito, da opressão e dificuldade para o deserto arábico, da liberdade e esperança) e de proteção (contra a ira dos egípcios).

A Páscoa do Sinai, no livro de Números: Acampados aos pés do Monte Sinai, Deus ordenou a Moisés e a Arão que façam um recenseamento de todos os homens aptos para o serviço militar entre os israelitas, organizando-os por suas tribos (Nm 1) e instrui Moisés como deveria ser a organização do acampamento ao redor da tenda da congregação (Nm 2).

Os levitas são designados para o serviço no tabernáculo (Nm 3-4) e são dadas instruções sobre como lidar com várias impurezas no acampamento (Nm 5), sobre os nazireus (Nm 6), sobre como trazer ofertas, sobre a bênção sacerdotal (Nm 7) e sobre a purificação e consagração dos levitas para o serviço no tabernáculo (Nm 8). Os israelitas traziam suas ofertas de Páscoa ao santuário durante o culto noturno, ao entardecer, no décimo quarto dia do primeiro mês. Foi promulgado no rito de apresentação, no rito de sangue e como uma extensão do rito da refeição. Cada família apresentava um cordeiro diante do altar do santuário, e os sacerdotes o inspecionavam para ter certeza de que não tinha defeito. A seguir, um levita, agindo em nome da família, cortava a artéria principal do pescoço para que o sangue escoasse para bacias especiais (Nm 8.15-19).

Após essas coisas, Deus instruiu os israelitas a celebrarem a Páscoa (Nm 9.1-5), sem a observância da festa dos Pães Ázimos. Os homens que tocaram em

cadáveres e estavam impuros foram impedidos de participar da festa naquele momento (Nm 9.6-7) e uma advertência foi dada: o homem que, estando limpo, deixar de celebrar a Páscoa, será extirpado do seu povo (Nm 9.13).

Dessa forma, a celebração a Páscoa em Números pode ser compreendida como um rito de passagem do deserto arábico para a terra de Canaã e um rito de proteção (contra o que enfrentariam no final da peregrinação).

A Páscoa de Gilgal, no Livro de Josué: Após a morte de Moisés, Deus encoraja Josué a assumir a liderança dos israelitas, garante sucesso na conquista da terra prometida (Js 1.1-9) e Josué ordena que preparem o povo para atravessar o Jordão e possuir a terra (Js 1.10-18). Dois espiões vão até para Jericó e são escondidos por Raabe (Js 2).

Os sacerdotes param com a arca da aliança nas águas do Jordão, o povo atravessa a pés enxutos (Js 3:1-17). Na terra de Canaã, o povo acampa em Gilgal, os homens são obrigados a se circuncidar (Js 4.1-24) e celebram a Páscoa (Js 5.10-12).

Morton (1994, p. 370) observa que Nm 5 contém três tradições distintas: dois ritos religiosos e um teofania: "Nos dois ritos, o da circuncisão e o da páscoa, Israel responde em obediência e dedicação à providência graciosa de Deus em trazê-lo Terra Prometida adentro".

Já Hess (2006, p. 107) observa que esses textos associam a circuncisão com a comunidade de Israel e com a aliança com YHWH: "a circuncisão constitui o ritual necessário e preparatório para a celebração da Páscoa, a qual relembra a criação da nação e a aliança de Deus com ela".

Morton (1994, p. 372) ainda destaca que, nesta primeira celebração da Páscoa em Canaã, Js 5.12 não faz referência clara a Festa de Pães Ázimos relacionada no calendário religioso de Israel. O autor ainda observa que alguns estudiosos mantêm a crença na existência de uma tradição antiga e autêntica, "segundo a qual foram celebradas as Festas da Páscoa e dos Pães Ázimos nos ritos do santuário de Gilgal, na comemoração dos dois grandes eventos da história da salvação de Israel: o êxodo do Egito e a entrada na Terra da Promissão" (MORTON, 1994, p. 372).

Reforçando o pensamento de Morton, Hess (2006, p. 113) afirma que a Páscoa, além de servir como lembrete dos acontecimentos do Êxodo, agora também servirá como lembrete da entrada na terra prometida: "A travessia do Jordão e o fim do maná aconteceram por ocasião da Páscoa. O alimento da Páscoa em si, os pães asmos, tomaram-se parte da festa da colheita em Canaã".

Assim, a celebração a Páscoa em Josué pode ser compreendida como um rito de proteção (necessária a conquista de Jericó, uma das cidades-estados mais importantes da região, conforme a narrativa de Js 6) e um ritual apotropaico (que tem poder de afastar a influência maléfica e a desgraça que poderia sobrevir quando na conquista da terra).

A Páscoa de Jerusalém, no livro de 2 Reis: Quase chegando ao final do livro de 2 Reis o leitor encontra a narrativa da ascensão de Josias ao trono de Judá aos oito anos de idade. Seu reinado foi marcado pela descoberta do Livro da Lei durante uma reforma no Templo (2 Re 22.1-8), o que desencadeou a terceira e maior reforma religiosa em Judá, onde foram mortos sacerdotes e oficiantes não javistas e destruídos altares e objetos usados para cultuar outros deuses e deusas tanto dentro do Templo como nos montes de Judá e de Israel (2 Re 23.4-20).

Ao final dessa reforma radical, a Páscoa foi celebrada (2 Re 23.21-23), mas de forma diferente: a festa deixa de ser um ritual doméstico e privado e passa a ser um ritual público-administrado, feita por um governo central que desejava reforçar com esta festa a centralização do culto no Templo de Jerusalém (LANGSTON, 2007, p. 106). Além disso:

> não foi de forma alguma um ritual estático. Sendo um dos rituais mais importantes do antigo Israel, serviu a propósitos religiosos e políticos na articulação da fé, bem como na remodelação da administração governamental (Langston, 2006, p. 107)

Matheney (1986, p. 308), concordando que a festa serviu para confirmar Jerusalém como o lugar de culto, afirma que "a ação de Josias elevou a páscoa à condição de uma festa de peregrinação de importância nacional, com implicações tanto políticas quanto religiosas".

Para Wiseman (2011, p. 259) o cerimonial da Páscoa com Josias pode ser comparado com os fundamentos do pacto de Mizpá (1Sm 8.11-17; 10.25) e com a renovação do pacto em Siquém (Js 24), ambos pontos decisivos na história judia. Segundo ele "Os participantes incluíam aqueles pertencentes a todas as camadas. (...) Todos são imprescindíveis para um comprometimento completo" (WISEMAN, 2011, p. 259).

Aqui é importante constatar a Páscoa como uma cerimônia de compromisso entre o povo e seu líder que antecedeu a experiência de uma "mudança de vida" ou do curso da história. Foi assim na primeira Páscoa, com Moisés, antes da saída do Egito (Ex 12) e na Páscoa com Josué, antes da conquista a terra prometida.

Logo, a celebração a Páscoa em 2 Reis pode ser compreendida como um rito de passagem para um novo momento político-religioso em Judá, onde foram abolidos os outros deuses e seus oficiais e somente YHWH seria adorado apenas no templo de Jerusalém.

A Páscoa em Jerusalém, no livro de Esdras: Na época pós-exílica, Ciro, rei da Pérsia, fez um decreto permitindo aos judeus exilados retornassem a Jerusalém e reconstruíssem o Templo (Ed 1.1-4). Sob a liderança de Zorobabel e Josué, o sumo sacerdote, os exilados voltam à Terra Prometida, levando consigo os tesouros do Templo que foram saqueados pelos babilônios (Ed 2.1-70).

Ao chegarem a Jerusalém, os exilados enfrentaram desafios a reconstrução do Templo, especialmente dos samaritanos (Ed 4.1-5), mas valeu a autoridade real e os judeus reconstruíram o Templo (Ed 6.14-15) e dedicaram-no a YHWH.

Após essa festividade de dedicação, a Páscoa foi celebrada, cerca de 200 anos depois da de Josias (Ed 6.19-22) e com novos toques de ineditismo: Enquanto as instruções em Êxodo indicam que cada família deve abater individualmente o cordeiro pascal, o relato em Esdras 6 reflete os levitas realizando esta ação (LANGSTON, 2006, p.106). Matheney (1986, p. 448) observa que judeus celebraram sequencialmente as festas da Páscoa e dos Pães Ázimos, as associando à rededicação do Templo no reinado de Ezequias (2Cr 30.13-22) e no de Josias (2Rs 23.21-23; 2Cr 35.1-19).

Esdras 6.19-22 define um momento único na história de Israel. Os judeus não apenas retornaram a Jerusalém depois de estarem exilados na Babilônia, mas também terminaram a reconstrução do templo de Deus depois de rechaçarem a oposição do "povo da terra" (Ed 4.4). A Páscoa em Esdras 6.19-22 marca o primeiro evento festivo registrado que os judeus celebraram dentro do templo recém-reconstruído.

Com relação aos detalhes de como a Páscoa é celebrada em Esdras 6.19-22, um grupo de estudiosos como reconheceram suas semelhanças com as Páscoas celebradas nos tempos de Ezequias (2 Crônicas 30.13-27) e Josias (2 Crônicas 35.1-19) (WILLIAMSON, 1985, p. 84-87; GOSWELL, 2013, p. 131; SHEPHERD; WRIGHT, 2018, p. 29). Williamson (1985, p. 84), por exemplo, escreve: "é difícil não supor que este relato foi escrito com um olhar nos relatos do Cronista sobre as Páscoas de Ezequias e Josias, que também se seguiram a uma espécie de restauração do templo (2 Cr 30 e 25)". Enquanto isso, Shepherd e Wright (2018, p. 29) delinearam três áreas em comum entre as três Páscoas. Primeiro, todas as três Páscoas seguem alguma forma de renovação e rededicação de locais de culto. Segundo, em todas as três Páscoas há a consagração

do pessoal do templo. Terceiro, em todos os três relatos, a Festa dos Pães Ázimos segue imediatamente a celebração da Páscoa. Goswell (2013, p. 131) acrescenta ainda que são somente os levitas que abatem os cordeiros pascais em todas as três Páscoas.

Esdras 6.19-22 é o cumprimento da visão de Ezequias da restauração de Deus de um Israel unificado. Com seus cento e setenta e sete versículos, a narrativa do reinado de Ezequias é a mais longa entre os reis de Judá após a dissolução do reino unido (Johnston, 1997, p. 189). Utilizando apenas dezoito versículos do relato paralelo em Reis, a maior parte da narrativa de Ezequias é introduzida pelo próprio Cronista (Mortiarty, 1965, p. 401). Como a maior parte do material do Cronista trata das reformas cultuais de Judá, uma das principais preocupações é a celebração da Páscoa.

O sonho de Ezequias de um Israel unificado celebrando a Páscoa vem à tona em Esdras 6.19-22. Embora Ezequias tenha que adiar a Páscoa por um mês para acomodar o povo do norte, tal atraso não é necessário em Esdras 6.19-22. O festival não é apenas celebrado na data prescrita; os sacerdotes e levitas "se purificaram e estavam cerimonialmente limpos" (Ed 6.20). Isto contrasta fortemente com a Páscoa de Ezequias, onde não há sacerdotes consagrados suficientes para cumprir os deveres sacrificais (2Cr 30.3).

Esdras 6.21 é enfático ao dizer que os exilados não apenas retornaram, mas estão prontos para celebrar a Páscoa. Entretanto, a situação durante o tempo de Ezequias não era ainda tão organizada. O trecho de 2 Crônicas 30.3 indica que o povo ainda não estava reunido em Jerusalém. Embora o convite de Ezequias para a Páscoa seja recebido com rejeição, aceitação parcial e aceitação total, a Páscoa em Esdras 6.19-22 é recebida apenas com aceitação total. O espírito de unidade é evidenciado na maneira como "todos eles" (ou seja, os exilados) se reúnem para comer na festa e como eles celebram a festa com alegria (que é mencionada duas vezes no versículo 22).

Por isso, a celebração a Páscoa em Esdras pode ser compreendida como um rito de proteção (contra os samaritanos que não desejavam ver Jerusalém e o Templo reconstruídos) e de passagem (marcando o novo momento da religião dos que retornaram, que agora tinham um templo exclusivo para adorar a YHWH em Jerusalém).

3. AS SEMELHANÇAS ENTRE AS PASSAGENS DE CELEBRAÇÃO DA PÁSCOA

Apesar as visões e percepções sobre a festa são sempre carregadas de significados positivos e harmoniosos como o expresso na revista Morashá (2024), onde é dito que a festa da Páscoa "nos faz lembrar quem somos – de onde viemos e para onde planejamos seguir como nação – e transmite nossa identidade e herança às futuras gerações" e diz ainda que a Torá "ensina que todo mês contém um componente espiritual. Pessach é quando festejamos nossa liberdade física e espiritual".

Essa festa que "fala de memória, de identidade" é tão especial e revestida de singularidade para o judaísmo que sua celebração exige cuidados nos lares antes da sua realização (Zandona, 2024). Alguns rabinos aconselham e explicam em detalhes como fazer uma faxina na casa para deixá-la limpa para a Páscoa, eliminando-se todos os alimentos fermentados e como, nas duas primeiras noites de Páscoa, a família deve se reunir para a realização do Seder, da leitura da Hagadá do Êxodo (COHEN, 2024).

Diante dessa tradição pacífica assentada sobre a festa, é interessante observar que nas cinco passagens analisadas, a Páscoa foi celebrada nos contextos de hostilidade e violência, antes ou depois da festividade, como mostramos na tabela a seguir:

Contexto Anterior	Celebração da Páscoa	Contexto Posterior
Nove terríveis pragas violentam a terra, os homens e os animais no Egito (Ex 7-11).	Ex 12.1-23	A morte trágica de todos primogênitos dos egípcios (Ex 12.29-30).
Censo para apurar quem eram os homens aptos a guerra e para enfrentar os inimigos (Nm 1).	Números 9.1-5	Sentença de morte para qualquer pessoa que se abstiver de celebrar a páscoa (Nm 9.13).[5]

[5] Wenham (1985, p. 106) afirma que esta ameaça de morte súbita às mãos de Deus é um castigo mencionado repetidamente no Pentateuco, por vários pecados religiosos e sexuais (Lv 17.4, 9; 20.6, 18; 23.29; Nm 15.30s.; 19.13).

Os homens foram obrigados a ser circuncidados, algo doloroso, sujeito a sangramentos e infecções (Js 5.1-9).	Josué 5.10-12	Jericó é conquistada e destruída e seus habitantes, mortos (Js 6).[6]
Em Judá, uma reforma religiosa radical mata sacerdotes e oficiantes de outros deuses e são destruídos seus os objetos e locais de culto (2 Re 23.1-20).	2 Reis 23.21-23	Josias morre de forma trágica numa batalha contra o Neco, rei do Egito (2 Re 23.28-30).
Interrupção da reconstrução do templo por conta de intriga dos samaritamos (4.1-5.17).	Esdras 6.19-22	Expulsão das esposas não israelitas do meio do povo. Quem não obedecesse teria seus bens confiscados e seria afastado da comunidade (Ed 11.2-8).

Essa percepção violenta e hostil envolvendo as celebrações pascais já havia sido notada de forma muito breve por Cole (1981, p. 102) ao afirmar que a festa não "era diretamente ligada ao pecado, embora fosse 'apotropaica' no sentido de evitar o 'golpe' divino, havendo, portanto, um ritual cruento associada ela".

Ainda podemos, rememorando o que apuramos na parte 2 do artigo, propor uma tabela sobre as celebrações da Páscoa e dos ritos a ela associados:

Celebração da Páscoa	**Ritos associativos**
Ex 12.1-23	1) rito de passagem (da terra da opressão e dificuldade para terra da liberdade e esperança) 2) rito proteção (contra a ira dos egípcios, contra o que teriam que enfrentar no deserto e na terra prometida).

[6] Hess (2006, p. 117) diz que "a combinação da marcha ao redor de Jericó e a Páscoa de Josué 5 relembra a primeira Páscoa (Ex 12). Deus destruirá os inimigos de Israel e consagrará a nação para si mesmo. A batalha toma-se parte da celebração da Páscoa, um memorial do primeiro êxodo e uma vitória sobre os inimigos na terra prometida".

Números 9.1-5	1) rito de passagem (do deserto arábico para a terra de Canaã) 2) rito de proteção (contra o que enfrentariam no final da peregrinação)
Josué 5.10-12	1) rito de proteção (necessária a conquista de Jericó, uma das cidades-estados mais importantes da região) 2) rito apotropaico (que tem poder de afastar a influência maléfica e a desgraça que poderia sobrevir quando na conquista da terra).
2 Reis 23.21-23	1) rito de passagem (para um novo momento político-religioso em Judá, onde foram abolidos os outros deuses e seus oficiais e somente YHWH seria adorado apenas no templo de Jerusalém) 2) rito de proteção (para não permitir que a prática da idolatria voltasse a Judá)
Esdras 6.19-22	1) rito de proteção (contra os samaritanos que não desejavam ver Jerusalém e o Templo reconstruídos) 2) rito de passagem (marcando o novo momento da religião dos retornantes, que agora tinham um templo exclusivo para adorar a YHWH em Jerusalém).

Diante da tabela acima, fica mais fácil perceber que na época nômade a Páscoa estava associada a um rito de passagem (em Êxodo da passagem do Egito para o deserto arábico e em Números da passagem do deserto arábico para a terra de Canaã) e a um rito de proteção (em Êxodo contra a ira dos egípcios e contra o que teriam que enfrentar no deserto rumo à terra prometida, e em Números contra o que enfrentariam no final da peregrinação).

No início da época sedentária, em Gilgal, a páscoa continua como um rito de proteção (necessária a conquista de Jericó e da terra de Canaã) e rito

apotropaico (que tem poder de afastar a influência maléfica, nem que seja dos exércitos das cidades-estados a serem conquistadas).

Sedentários, na época régia, com Josias e de Esdras, a páscoa serviu como rito de passagem (com Josias, para um novo momento político-religioso em Judá, onde foram abolidos os outros deuses e seus oficiais e somente YHWH seria adorado apenas no templo de Jerusalém e com Esdras, marcando o novo momento da religião dos retornantes, que agora tinham um templo exclusivo para adorar a YHWH em Jerusalém) e também como um rito de proteção (com Josias para não permitir que a prática da idolatria voltasse a Judá e com Esdras contra os samaritanos que não desejavam ver Jerusalém e o Templo reconstruídos).

O que há de comum em todas as celebrações da Páscoa é que ela, seja no nomadismo ou no sedentarismo, serviu com rito de proteção: Em Êxodo contra a ira dos egípcios, contra o que teriam que enfrentar no deserto e na terra prometida, em Números contra o que enfrentariam no final da peregrinação, em Josué para a conquista de Jericó e das outras cidades e terras de Canaã, em 2 Reis para não permitir que a prática da idolatria voltasse a Judá e em Esdras contra os samaritanos que não desejavam ver Jerusalém e o Templo reconstruídos.

Lembrando que o cognato acádio de *pesach* é *pasahu* e significa "abrandar ou apaziguar (a ira dos deuses)" talvez ao celebrar, anualmente, essa festividade o povo de Israel desejasse abrandar, acalmar, adormecer ou até mesmo mitigar a ira de YHWH contra algo ou algum pecado cometido pelo povo e seus líderes, mantendo a paz necessária para continuar a existir enquanto povo de Deus.

4. APONTAMENTOS SOBRE A PÁSCOA NA TRADIÇÃO CRISTÃ

A tradição cristã fez da Páscoa um relato tipológico que, segundo Gargano (2000, p. 176) tem como objeto o mistério de Cristo. Conforme o mesmo autor

> Isso significa que personagens, acontecimentos, instituições do AT têm, além do sentido a eles atribuído pelo autor humano, também um sentido conferido pelo autor divino. De tal modo que o sentido entendido pelo autor humano possa ser entendido como profecia, sombra do sentido entendido pelo autor divino (Gargano, 2000, p. 176).

Assim, o cordeiro pascal da Bíblia Hebraica prefigurava Cristo como o Cordeiro de Deus (Jo 1.29). Assim como o cordeiro pascal na Bíblia Hebraica não teve nenhum osso quebrado, também o Cordeiro de Deus não sofreu fra-

turas ósseas quando foi açoitado e crucificado. O sangue do cordeiro prefigura o sangue de Cristo que foi derramado na cruz para pagar pelos pecados de todas as pessoas (Jo 19.34). O sangue nas ombreiras das portas dos israelitas os protegia da morte física e o sangue de Cristo marca que o cristão é protegido da morte espiritual (Ex 12.13). O sangue do cordeiro pascal que foi aspergido no altar apontava para o sangue de Cristo que apaga os nossos pecados no santuário celestial (Hb 9.11-14).

Cristo instituiu a Ceia do Senhor durante a refeição pascal para oferecer aos cristãos o corpo do Cordeiro de Deus (1Pe 1.19; Ap 5.6). Ele dá seu corpo para comermos como os pães ázimos e derrama seu sangue para bebermos no vinho como a nova Páscoa (Lucas 22.14-20). Nele, se celebra a libertação do Faraó supremo, o diabo, e da sua escravidão. Assim, os cristãos se regozijam com o êxodo do último Egito, o mundo caído e seguem a Cristo através do deserto desta vida, ansiosos por entrar na eterna terra prometida. A Páscoa da Bíblia Hebraica, a libertação da escravidão e o êxodo do Egito anteciparam o tempo em que o Messias cumpriria as promessas. Agora que ele veio, os cristãos participam do reino escatológico que Jesus inaugurou com a sua encarnação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em conclusão, a partir da análise etimológica da palavra *pesach* e das cinco passagens analisadas sobre a celebração desta festa, percebeu-se que a Páscoa, em cada época da história do antigo Israel, estava ligada a diversos ritos, sendo o rito de proteção o que se repetiu em todas as épocas, de acordo com as passagens descritas neste artigo.

Conforme foi visto, YHWH estabeleceu a Páscoa antes do êxodo do antigo Israel do Egito (Êx 12.1-28; Lv 23.4–8; Nm 28.16–25). Portanto, a Páscoa é anterior à sua observância em conexão com o santuário. Contudo, uma vez construído o tabernáculo e instituído o serviço divino de Israel, YHWH exigiu a sua celebração todos os anos no santuário (Dt 16.1-8; 2 Cr 35.11). No décimo dia do primeiro mês, cada família escolhia um cordeiro para ser oferecido posteriormente como Páscoa. No décimo quarto dia, eles traziam seu cordeiro ao santuário para cumprir as atividades rituais exigidas que YHWH havia estabelecido na primeira Páscoa no Egito (Lv 23.4-5; Nm 28.16).

A comemoração anual da Páscoa pelos israelitas celebrava a preservação de seus filhos e rebanhos quando o Senhor feriu todos os primogênitos do povo e dos animais do Egito. O sangue do cordeiro, que primeiro foi colocado nos batentes das portas das casas israelitas, foi depois espalhado nas laterais do

altar para oferta queimada no santuário. Assim como o sangue nos batentes das portas protegeu Israel da morte, o sangue no altar expiou o pecado e preservou as suas vidas da ira de Deus devido à sua impureza ritual (Lv 17). Comer a refeição da Páscoa no Egito fortaleceu os israelitas para o seu êxodo, enquanto comer a carne da Páscoa todos os anos os fortaleceu com comida sagrada da mesa do Senhor.

Todos os anos, durante a Páscoa, YHWH purificava e sustentava a vida dos israelitas. Deus os libertou da escravidão no Egito para que vivessem em liberdade e tivessem acesso a ele no serviço divino. De certa forma, até hoje, ao celebrarem a Páscoa, os judeus estão rememorando a proteção e a salvação que Deus aos judeus longo da história e até os dias de hoje.

BIBLIOGRAFIA

ALONSO SCHÖKEL, Luis. **Dicionário Bíblico Hebraico-português.** 3. ed. São Paulo: Paulus, 2004.

BÍBLIA. **Bíblia Sagrada**. Tradução de João Ferreira de Almeida. Revista e Atualizada. 2ª Edição. São Paulo: SBB, 1999.

BROWN, Francis, DRIVER, S. R.; BRIGGS, Charles A. **A Hebrew and English Lexicon of the Old Testament**. Cambridge: The Riverside Press, 1906.

BRUCE, F. F. (Org.). **Comentário NVI Antigo e Novo Testamentos**. São Paulo: Editora Vida, 2008.

COHEN, Benyamin. **Limpeza de Pêssach**. Disponível em <https://pt.chabad.org/library/article_cdo/aid/3706135/jewish/Leis-Costumes.htm>. Acesso em: 02 mar. 2024.

COLE, R. Alan. Êxodo: Introdução e Comentário. São Paulo: Vida Nova/ Mundo Cristão, 1981.

GARGANO, Innocenzo. **A Metodologia Exegética dos Padres**. In: SIMIAN-YOFRE, Horácio, et. al. **Metodologia do Antigo Testamento**. São Paulo: Loyola, 2000.

GOSWELL, Gregory. *Ezra-Nehemiah*. EP Study Commentary. Darlington: EP, 2013.

HARRIS, R. Laird; ARCHER, Jr., GLEASON L.; WALTKE, Bruce K. (Org.). **Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 1998.

HESS, Richard. *Josué:* **Introdução e comentário**. São Paulo: Vida Nova/ Mundo Cristão, 2006

HOLLADAY, William L. **Léxico Hebraico e Aramaico do Antigo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 2010.

HONEYCURR, Roy L. In: ALLEN, Clifton J. (Ed.). **Comentário Bíblico do Broadman**. Levítico a Rute – Volume 2. Rio de Janeiro: JUERP, 1987.

JOHNSTONE, William. **1 and 2 Chronicles**. Volume 2: Chronicles 10-36: Guilt and Atonement. Sheffield: Sheffield Academic Press, 1997.

KIDNER, Derek. **Esdras e Neemias***:* Introdução e Comentário. São Paulo: Vida Nova/Mundo Cristão, 1985.

KLEIN, Ernets. *A Comprehensive Etymological Dictionary of Hebrew Language for Readers of English*. Jerusalem: The Israel Map and Publishing Company, 1987.

LANGSTON, Scott M. *Exodus Through the Centuries.* Blackwell Bible commentaries. Oxford: Blackwell Publishing, 2006.

MATHENEY, M. Piece; HONEUCUTT, Roy L. In: ALLEN, Clifton J. (Ed.) *Comentário Bíblico do Broadman.* 1 Samuel a Neemias – Volume 3. Rio de Janeiro: JUERP, 1986.

MORIARTY, Frederick L. The Chronicler's Account of Hezekiah's Reform. In: *CBQ*

27, 1965, p. 401.

MORTON, William H. In: ALLEN, Clifton J. (Ed.). *Comentário Bíblico do Broadman*. Levítico a Rute – Volume 2. Rio de Janeiro: JUERP, 1994.

RADMACHER, Earl D.; ALLEN, Ronald B.; HOUSE, H. Wayne (Ed.). *O Novo Comentário Bíblico*. Antigo Testamento – Volume 1. Rio de Janeiro: Central Gospel, 2009.

REVISTA Morashá. *Festas Judaicas*. Disponível em <https://www.morasha.com.br/festas-judaicas/pessach-1.html>. Acesso em: 02 mar. 2024.

SANTOS, Luciano dos. A Festa da Páscoa: um olhar panorâmico em sua gênese e evolução. *Revista de Cultura Teológica*, v. 18, n. 72, Out/Dez 2010, p. 171-186. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/culturateo/article/view/15381/11488>. Acesso em: 02 mar. 2024.

SHEPHERD, David J. WRIGHT, Christopher J. H. *Ezra and Nehemiah*. Grand Rapids: Eerdmans, 2018.

VANGEMEREN, Willem A. (Org). *Novo Dicionário Internacional de Teologia e Exegese do Antigo Testamento.* São Paulo: Cultura Cristã, 2011.

WENHAM, Gordon J. *Números*. Introdução e Comentário. São Paulo: Vida Nova/Mundo Cristão, 1985.

WILLIAMSON, H. G. M. *Ezra, Nehemiah.* Word Biblical Commentary Vol. 16. Waco, TX: Thomas Nelson, 1985.

ZANDONA, Matheus. *O Verdadeiro Sentido da Páscoa.* Disponível em <https://ensinandodesiao.com.br/pagina/103986/pêssach>. Acesso em: 02 mar. 2024.